



FRANCISCO INSA

A formação da

AFETIVIDADE

UMA PERSPECTIVA CRISTÃ



[cultor de livros]

A FORMAÇÃO DA AFETIVIDADE
Uma perspectiva cristã

FRANCISCO INSA

A FORMAÇÃO DA AFETIVIDADE
Uma perspectiva cristã

Tradução de
MARCOS PAULO FERNANDES DE ARAÚJO

[cultor de livros]
São Paulo
2021

© Francisco Javier Insa Gómez, 2021

Título original

Con todo tu corazón, con toda tu alma, con toda tu mente.
Formar la afectividad en clave cristiana (Palabra, Madrid, 2021)

Tradução

Marcos Paulo Fernandes de Araújo

Revisão

Maurício Dominguez Perez

Capa e Diagramação

Elisa H. Storarri

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Insa, Francisco

A formação da afetividade: uma perspectiva
cristã / Francisco Insa. Tradução de Marcos Paulo F.
de Araújo São Paulo: Cultor de Livros, 2021

ISBN: 978-65-86580-87-7

1. Teologia Moral 2. Afetividade 3. Vida cristã
I. Francisco Insa II. Título

CDD-241.6

Índice para catálogo sistemático:

1 Teologia Moral : Afetividade 241.6

Todos os direitos dessa edição pertencem a:

Cultor de Livros - Editora

Rua Prof. Alfonso Bovero, 257 - Sumaré

CEP 01254-000 - São Paulo/SP

Tel. (11) 3873-5266

www.cultordelivros.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1. Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?	15
2. A formação da afetividade	17
3. Psicologia e formação	18
4. Conteúdo deste livro.....	21

I. PERSONALIDADE E AFETIVIDADE

1. O QUE É A PERSONALIDADE?	29
1. Noção de personalidade.....	29
2. Temperamento, caráter e personalidade.....	33
3. Traços de personalidade	36
4. OCEAN: o big five da personalidade.....	37
a) Openness ou abertura à mudança.....	38
b) Conscientiousness ou responsabilidade	39
c) Extraversion ou extroversão	40
d) Agreeableness ou cordialidade	41
e) Neuroticism ou instabilidade emocional	42
5. O locus de controle.....	43
6. Os mecanismos de defesa do “eu”	45
7. Aplicações à própria vida e à tarefa de formação.....	47
8. Condicionados, mas não determinados.....	49
2. COMO MEDIR A MATURIDADE?	51
1. Vê se cresce!.....	51
2. Critério zero: identidade.....	54

3. Primeiro critério: extensão do sentido de si mesmo.....	55
4. Segundo critério: relação emocional com outras pessoas	59
5. Terceiro critério: segurança emocional	61
6. Quarto critério: percepção realista, aptidões e tarefas.....	63
7. Quinto critério: auto-objetivação, autoconhecimento e senso de humor.....	65
8. Sexto critério: filosofia unificadora da vida.....	67
9. Da maturidade à identificação com Cristo.....	71
3. AMAR-SE PARA PODER AMAR.....	73
1. Deus, eu e os demais?	73
2. Como surge o amor a si mesmo	74
3. Ver-se à luz de Deus.....	80
4. Humildade e verdade.....	83
5. Deus, os demais e eu	85
4. O QUE É A AFETIVIDADE	87
1. O WhatsApp de um adolescente.....	87
2. Uma possível definição.....	89
3. Limitações da afetividade	92
4. O pecado original e suas consequências.....	93
5. Restaurar a imagem de Deus.....	95
5. DESENVOLVER A AFETIVIDADE A PARTIR DAS VIRTUDES TEOLÓGICAS.....	99
1. Uma proposta entre tantas.....	99
2. Fé	99
3. Esperança.....	106
4. Caridade	109
a) Se me falta o amor, de nada me serve.....	109
b) Amar e sentir-se amado.....	111
c) Aprender a amar	112
5. Um terreno fértil.....	117

II. CRESCER INTERIORMENTE AO LONGO DO CICLO VITAL

1. O CICLO VITAL	121
1. <i>Que é o ciclo vital</i>	121
2. <i>Os estágios psicossociais</i>	126
3. <i>A teoria do apego</i>	128
2. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....	135
1. <i>A criança</i>	135
a) <i>Estágios evolutivos da infância</i>	135
b) <i>Orientações para os formadores</i>	139
2. <i>O adolescente</i>	144
a) <i>O eterno conflito de gerações</i>	144
b) <i>Delimitação da etapa</i>	147
c) <i>Construindo a identidade</i>	149
3. A IDADE ADULTA.....	157
1. <i>O adulto jovem</i>	157
a) <i>Delimitação da etapa</i>	157
b) <i>A incorporação ao mundo do trabalho</i>	159
c) <i>A formação de um novo lar</i>	160
d) <i>A crise dos 30</i>	162
2. <i>A plenitude da vida</i>	165
a) <i>Delimitação da etapa</i>	165
b) <i>Os 40: estabilidade vs. procura de novidades</i>	167
c) <i>Os 50: estabilidade sem rijeza</i>	173
d) <i>A síndrome do ninho vazio</i>	176
4. MELHORAR O CARÁTER NA VIDA ADULTA: CUIDAR DOS RELACIONAMENTOS	181
1. <i>A família</i>	181
2. <i>O trabalho</i>	184

3. Os amigos.....	185
4. Sem confundir e com uma clara hierarquia.....	191
5. A TERCEIRA IDADE	195
1. <i>Quem se atreve a marcar o início?</i>	195
2. <i>Delimitação da etapa</i>	197
3. <i>Manifestações do envelhecimento</i>	199
a) <i>A necessidade de se antecipar</i>	199
b) <i>Alterações físicas e cognitivas</i>	200
c) <i>Mudanças sociais</i>	202
4. <i>Uma digressão: quando a aposentadoria não vem</i>	206
5. <i>Preparar-se para a velhice</i>	207
6. <i>Uma etapa para seguir crescendo</i>	209
7. <i>Preparar-se para dar o salto à morada definitiva</i>	217
6. QUANDO O FIM SE APROXIMA	221
1. On Death and Dying	221
2. <i>Primeira fase: negação</i>	222
3. <i>Segunda fase: ira</i>	226
4. <i>Terceira fase: negociação</i>	228
5. <i>Quarta fase: depressão</i>	229
6. <i>Quinta fase: aceitação</i>	232
7. <i>Acompanhar uma morte cristã</i>	234

III. A VIRTUDE CRISTÃ DA CASTIDADE

1. POR QUE VIVER A CASTIDADE?.....	243
1. <i>Por que não posso desfrutar do corpo como quero?</i>	243
2. <i>A entrada em uma nova vida</i>	244
3. <i>Um templo para o Espírito Santo</i>	246
4. <i>O sexo é bom... vivido com ordem</i>	249

5. <i>A desordem da concupiscência</i>	251
6. <i>A virtude da castidade</i>	256
7. <i>Os meios tradicionais</i>	259
8. <i>Afetividade e castidade</i>	266
2. A ADICÇÃO DO SÉCULO XXI	269
1. <i>O mundo virtual</i>	269
2. <i>Vício ou adicção?</i>	270
3. <i>Adicção e internet</i>	272
4. <i>Um problema médico</i>	275
5. <i>Um problema social</i>	278
6. <i>Pessoas mais vulneráveis</i>	285
3. AJUDAR A VIVER A CASTIDADE.....	293
1. <i>Novas dificuldades, novos meios</i>	293
2. <i>Um modo sadio de usar a internet</i>	294
3. <i>Personalizar a solução</i>	301
4. <i>A catequese, o acompanhamento espiritual e a confissão</i>	303
5. <i>A ajuda profissional</i>	309
6. <i>A responsabilidade moral</i>	317
4. O CELIBATO CRISTÃO.....	325
1. <i>Dom e mistério</i>	325
2. <i>Afetividade e celibato</i>	331
3. <i>A afetividade de Jesus</i>	335
4. <i>Um celibato psicologicamente saudável</i>	338
5. <i>Situações que requerem especial discernimento</i>	344

IV. A AFETIVIDADE ENFERMA

1. OS TRANSTORNOS AFETIVOS.....	355
1. <i>A enfermidade mental</i>	355
2. <i>A ansiedade</i>	357
3. <i>Tristeza e depressão</i>	359
4. <i>O estresse profissional ou síndrome de burnout</i>	361
5. <i>Prevenir a patologia afetiva</i>	363
a) <i>Um estilo de vida saudável</i>	365
b) <i>Cuidar o descanso</i>	366
c) <i>Corrigir as distorções cognitivas</i>	369
d) <i>Otimizar o tempo de trabalho</i>	371
e) <i>Uma vida de piedade à prova de estresse</i>	378
6. <i>Quando vem a doença</i>	382
2. OS TRANSTORNOS DE PERSONALIDADE	387
1. <i>A personalidade e seus transtornos</i>	387
2. <i>A ajuda a partir do trabalho de formação</i>	390
3. <i>Classificação de transtornos de personalidade</i>	396
<i>Grupo A: os excêntricos</i>	397
<i>Grupo B: os extrovertidos ou egocêntricos</i>	399
<i>Grupo C: os introvertidos ou ansiosos</i>	404
3. <i>A personalidade evitativa-dependente</i>	406
4. <i>A personalidade obsessivo-perfeccionista</i>	410

EPÍLOGO

UM ESTILO FORMATIVO SADIO.....	419
1. <i>Duas maneiras de formar</i>	419
2. <i>Os tipos de educação</i>	421
3. <i>A personalidade do formador</i>	425

<i>a) Personalidade madura e vida virtuosa</i>	425
<i>b) Mostrar-se vulnerável</i>	427
<i>c) A formação do formador</i>	428
<i>d) Preocupação pela pessoa em sua integralidade</i>	430
<i>e) Respeito à pessoa e aos seus tempos</i>	433
<i>f) Superar os próprios fantasmas</i>	435
4. <i>Vale a pena</i>	439

BIBLIOGRAFIA.....441

1. <i>Bibliografia geral</i>	441
2. <i>Personalidade e afetividade</i>	442
3. <i>Crescer interiormente ao longo do ciclo vital</i>	443
4. <i>A virtude cristã da castidade</i>	444
5. <i>A afetividade enferma</i>	445
6. <i>Um estilo formativo sadio</i>	446

*A todos aqueles que,
ao dividirem comigo seus desejos de melhorar,
mostraram-me a grandeza do coração humano*

APRESENTAÇÃO

1. Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?

“Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento; e teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27). O diálogo de Jesus com o doutor da Lei remete a dois textos do Pentateuco (cf. Dt 6,5; Lv 19,18) para sintetizar o que o homem deve fazer a fim de alcançar a vida eterna: *amar* a Deus e *amar* a seus semelhantes. As narrações de Mateus e Marcos (cf. Mt 22,37-39; Mc 12,30-31) são ligeiramente diferentes de Lucas: nelas o doutor da Lei pergunta ao Senhor qual é o principal mandamento. A resposta de Jesus segue sendo a mesma, porque um amor radical, completo, satisfaz plenamente tudo aquilo que Deus pede ao homem e, ao mesmo tempo, abre-lhe o caminho para desfrutar Dele por toda a eternidade.

A relação com Deus adquire assim um sentido que, embora não seja propriamente original, contrasta com certas propostas do judaísmo e sobretudo com as religiões pagãs. Nelas se põe com frequência a ênfase na adoração, na submissão, na obediência... Põe-se em relevo a absoluta transcendência de Deus diante da qual nada resta à criatura humana, além de se prostrar e reconhecer sua insignificância. A perspectiva aberta por Jesus Cristo, sem negar a anterior, toca mais a intimidade do homem: chama-o a entrar em uma relação de amor na qual se distinguem várias

dimensões: coração, alma, forças e mente. Jesus parece ressaltar que o trato com Deus abarca o homem em sua integridade, que deve pôr em jogo sua inteligência, vontade, sentimentos e paixões, da mesma maneira que no trato com seus semelhantes. Com efeito, “nós não possuímos um coração para amar a Deus e outro para querer bem às criaturas: este nosso pobre coração, de carne, ama com um carinho humano que, se estiver unido ao amor de Cristo, é também sobrenatural”.¹

Este duplo mandamento tem uma premissa: Deus é um Pai que nos ama, cuida de nós e vela por nós. “Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4,19); nos *primeira*, para usar o neologismo cunhado pelo Papa Francisco. Nós apenas respondemos, e de maneira incompleta, ao amor com que Deus se adiantou, ao nos criar, ao nos dar uma família, capacidades, talentos... e ao dispor de uma morada que nos aguarda no Céu (cf. Jo 14,2-3). Assim cantamos no Natal, no hino *Adeste fideles*, “*sic nos amantem, quis non redamaret*”, como não corresponder a quem tanto nos amou?

É nesse amor que dá e recebe de Deus — e que estende a todos os seus semelhantes — que o homem encontra a satisfação plena de suas aspirações mais íntimas. O primeiro mandamento não é um imperativo imposto desde fora, mas a explicitação daquilo que o faz feliz: “Fizeste-nos, Senhor, para Vós, e nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Vós”.² Deus não é um tirano que não se conforma com nossa submissão, e que, além disso, *obriga-nos* a amá-lo; é um Pai que nos ama, cuida de nós, vela por nós e é o único capaz de suprir uma necessidade irrenunciável: “O que nos pode tornar felizes, senão a experiência do amor dado e recebido?”³

1 SÃO JOSEMARIA ESCRIVÁ, *Amigos de Deus*, Quadrante, São Paulo, 2014, nº 229.

2 SANTO AGOSTINHO, *As confissões*, I, 1, 1.

3 FRANCISCO, *Audiência geral*, 14 de junho de 2017.

2. *A formação da afetividade*

Nas últimas décadas, tem ficado cada vez mais evidente a necessidade de proporcionar uma sólida formação da afetividade, especialmente aos jovens, de modo a tornar-lhes possível desenvolverem sua interioridade saudável e serena, e terem uma vida cristã alegre, integrada, repleta de significado e apostolicamente frutífera. No entanto, os responsáveis pela formação reclamam com frequência que encontram poucos instrumentos para levar a cabo esta tarefa. Talvez durante muitos séculos a ênfase tenha recaído sobre as dimensões intelectual e espiritual, que contam com abundantes obras de grande envergadura, enquanto que este aspecto da formação humana recebeu menos interesse.

A consequência de tal desequilíbrio é que em alguns casos houve, inadvertidamente, uma hipertrofia de alguma dessas dimensões em detrimento das restantes, caindo-se nas deformações do intelectualismo, do voluntarismo ou do sentimentalismo. Faz-se necessário integrar essas dimensões na unidade da pessoa.

Podemos dar uma primeira definição de afetividade como o conjunto de emoções, afetos, sentimentos e paixões que residem no homem e que o fazem sentir-se à vontade ou desconfortável nas diferentes situações da vida. Gera-se assim um prazer ou um mal-estar — que pode ser sensitivo (o prazer da comida) ou intelectual (uma boa conversa ou uma boa leitura) — que atuam como sinal do que se deve buscar ou evitar.

Os bens ou males indicados pela afetividade são parciais e por vezes entram em conflito entre si. Por exemplo, quando uma incomodidade de curto prazo (cansaço) dificulta a consecução posterior de um prazer maior (vencer uma corrida). Para saber para qual destes estímulos deve-se prestar atenção, todos temos — habitualmente de forma não explícita — uma hierarquia de valores que nos indica os bens que vale a pena sacrificar para obter outros maiores. Não é que alguns afetos

sejam maus ou equivocados, o problema é que reclamam para si um posto de preeminência que não lhes corresponde, pondo em risco a consecução de outros bens mais importantes para o bem integral da pessoa.

A formação da afetividade busca ajudar a inteligência e a vontade a estabelecerem essa ordem: saber o que é bom, desejar alcançá-lo e empregar os meios oportunos para obtê-lo. Não se trata de um mero controle ou repressão de certas tendências humanas, e muito menos de racionalizar os instintos. Consiste, antes, em obter tal conaturalidade com o bem — na cabeça e no coração —, que, de forma quase instintiva, passe-se a dar a justa importância a cada objeto que solicita nossa atenção, em função do sentido que se quer dar à própria vida. Isso permite desfrutar tanto do bem alcançado, como — e este é o ponto importante, por ser menos evidente — com a renúncia daqueles que se deve sacrificar para alcançar outros maiores. Santo Agostinho resumia-o da seguinte maneira: “quando se ama, não há fadiga; e se houver fadiga, ama-se a fadiga” (*in eo quod amatur, aut non laboratur aut labor amatur*).⁴ Retornamos, assim, à citação do Evangelho com que iniciamos esta apresentação: tudo começa por aquilo que amamos de verdade. Todo o resto se subordina de bom grado.

Seria ilusório pretender um equilíbrio perfeito. A formação é um processo no qual sempre se pode avançar e que leva a aprofundar no sentido da própria vocação, de ter domínio de si, de vive-la com coerência e a avançar de modo alegre e sereno para a meta que nos aguarda.

3. Psicologia e formação

São Paulo exortava aos tessalonicenses a “que todo o vosso ser — o espírito (*pneuma*), a alma (*psiche*) e o corpo (*soma*) —

4 SANTO AGOSTINHO, *Sobre os bens da viuvez*, XXI, 26.

seja guardado irrepreensível para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5,23). Esta tríplice distinção, única nas cartas paulinas, tem origem semítica⁵ e se encontra em muitos Padres da Igreja, sobretudo orientais.

A nós, provavelmente, é mais familiar a dupla divisão corpo/alma, tributária da teoria hilemórfica aristotélica (matéria e forma), e generalizada principalmente a partir da escolástica medieval; o próprio São Paulo também a emprega em várias ocasiões (cf. 1Cor 5,3; 7,34; 2Cor 7,1). Cada uma destas visões tem suas vantagens e suas limitações para explicar a realidade do ser humano, que permanece sempre incomensurável. Em todo caso, ambas reconhecem a unidade da pessoa, que não consiste em uma simples soma de dois ou três princípios que, em última instância, permanecem tão distintos quanto a água sobre o azeite.

Contudo, considero que a tríplice divisão mostra de maneira mais clara a dimensão afetiva da pessoa. Com efeito, em uma divisão alma/corpo pode não ser fácil encaixar os pensamentos, as paixões e as emoções, que têm uma base física (se assentam na atividade cerebral) mas participam também da realidade imaterial e transcendente do homem, imagem de Deus. A doença da depressão pode servir como exemplo: não é uma patologia do corpo, mas tampouco é correto dizer que é uma doença do espírito. A tríplice divisão, pelo contrário, delimita melhor o terreno da afetividade: pertence à *psique* (alma, mente), objeto de estudo da psicologia e, quando adoece, cai na órbita da psiquiatria.

Para ajudar as pessoas no trabalho de formação é preciso levar em conta estas três dimensões: têm um espírito chamado a desfrutar de Deus por toda a eternidade (que se nutre da oração, dos sacramentos e dos relacionamentos, especialmente quando

5 Cf. P. IOVINO, *La prima lettera ai Tessalonicesi*, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna 1992, pp. 284-287.

estão sustentados pela caridade), um corpo (que precisa comer, dormir, realizar atividade física) e uma psiquê sujeita a variações de humor, caracterizada por um modo de pensar e de sentir, condicionada por sua biografia, etc. As três dimensões estão em contínua interação: por melhores que sejam suas disposições, se uma pessoa não dormiu o suficiente, encontrará dificuldades para rezar, irá se mostrar irritável ou com um humor instável, etc. Do mesmo modo, um estado de ânimo depressivo costuma acarretar diversos incômodos de ordem física (cansaço, diminuição do apetite, cefaleia) e dificuldade para “se conectar” com Deus na oração.

Há alguns conhecimentos de psicologia que são de grande ajuda no trabalho de formação. Por exemplo, conhecer as características de cada etapa do ciclo vital serve para tratar de forma mais adequada cada faixa etária, transmitir os conteúdos de forma adaptada e para estabelecer metas compatíveis com as possibilidades do interessado. Do mesmo modo, a tipologia da personalidade permite dar conselhos personalizados sobre os aspectos a serem melhorados ou aqueles que podem representar um ponto de apoio para o trabalho de formação.

Por outro lado, existem problemas psicológicos que podem ser confundidos com falta de virtude ou com pecados. Por exemplo, são conceitualmente distintos narcisismo e soberba, egocentrismo e egoísmo, timidez e desinteresse pelos demais, obsessão e esquecimento de si, falta de integração da sexualidade e impureza, impulsividade e ira, conflito com a figura de autoridade e desobediência, perfeccionismo e falta de abandono, déficit de atenção e desordem, inatividade devida a um estado depressivo e preguiça, etc.⁶ No primeiro termo de cada um desses binômios pode-se encontrar uma patologia, um desenvolvimento alterado da personalidade, feridas biográficas, erros

6 Cf. C. CHICLANA ACTIS, *Formación y evaluación psicológica del candidato al sacerdocio*, “Scripta Theologica” 51 (2019) 467-504.

cognitivos, déficit de habilidades sociais, etc. e não somente uma vida interior insuficiente.

Seria insuficiente nesses casos limitar-se a dar conselhos ascéticos — crescer em fortaleza, rijeza, temperança — ou fomentar a vida de piedade — rezar, mortificar-se, fomentar o sentido da filiação divina —, já que não se chegaria ao núcleo do problema. Inclusive, poderia se tornar prejudicial, distraindo a pessoa do seu verdadeiro problema, fomentando a culpa ou o sentido de inadequação ou levando-a a um esforço excessivo da vontade que provavelmente se demonstrará ineficaz e extenuante.

Não quero dizer que tenhamos que dar uma de psicólogos no trabalho de formação. Trata-se, antes, de assumir que um aspecto fundamental desse trabalho é a dimensão humana, que em boa parte cai sob o domínio da psicologia, a qual tem sua própria dinâmica e leis que convém conhecer para ajudar melhor. De modo similar, não é preciso ser médico para recomendar um paracetamol a quem reclama de uma dor de cabeça, umas horas de repouso a mais a quem conta que está dormindo mal ou uma consulta urgente ao médico a quem se queixa de dor à direita do umbigo ou no centro do tórax. São Josemaria costumava expressar essa sensibilidade dizendo que um formador deve ter a *psicologia de uma mãe*, que é capaz de avaliar o estado de ânimo de seu filho, detectar, ao vê-lo entrar em casa, que teve um problema no colégio, perceber que brigou com a namorada, etc.

Este conhecimento pode estar baseado em uma espécie de intuição ou sensibilidade que está muito mais desenvolvida em uns do que em outros. Mas se exige também uma preparação específica que é parte do profissionalismo que se espera de todo educador. O presente livro pretende auxiliar a *formação dos formadores* nos aspectos psicológicos da pessoa.

4. Conteúdo deste livro

Nos últimos anos, dei vários cursos sobre a formação da afetividade para pessoas que trabalham em atividades de formação ou estavam se preparando para realizá-las: pais, professores, sacerdotes, seminaristas... Fiquei surpreso ao constatar que o conteúdo requeria poucas adaptações para se ajustarem às necessidades de cada grupo. Sempre me deparei com interesses básicos comuns e a sensação de que alguns conhecimentos básicos de psicológica eram úteis para suas tarefas tão importantes. Muitos mencionaram que, além disso, os cursos serviam para conhecerem melhor a si próprios, o que repercutia positivamente no seu trabalho formativo.

Na preparação destas aulas, baseei-me na minha formação como psiquiatra, em meus estudos de teologia, no meu posterior trabalho como sacerdote e na colaboração que antes e depois da minha ordenação pude prestar à formação cristã de pessoas de distintas idades, especialmente jovens.

No presente livro, registrei por escrito e ampliei o conteúdo dessas aulas. O estilo reflete muito sua origem: destinado à divulgação, interpelativo, direto e prático, temperado por episódios tirados da vida real que ilustram o que se quer dizer. Servi-me de uma ou outra escola psicológica sem fazer uma exposição sistemática, que pode ser encontrada em outras obras.⁷ Cada capítulo desenvolve o conteúdo de uma aula de uma hora de duração, o que me forçou a selecionar os argumentos: concentrei-me em alguns conteúdos que considero importantes para um formador e que não se encontram com tanta facilidade em outras obras. Por outro lado, dedico menos atenção — sem os

7 Cf., entre outras, M.A. MONGE SÁNCHEZ (coord.), *Medicina pastoral. Cuestiones de biología, antropología, medicina, sexología, psicología y psiquiatría*, EUNSA, Pamplona 2010; J. CABANYES, M.A. MONGE (coord.), *La salud mental y sus cuidados*, EUNSA, Pamplona 2017; W. VIAL, *Madurez psicológica y espiritual*, Palabra, Madrid 2019.

ignorar — a conteúdos mais básicos e objetivamente mais importantes, cujo conhecimento deixo por conta do leitor: a prioridade dos meios sobrenaturais, alguns aspectos doutrinários, o dinamismo das virtudes humanas e sobrenaturais, etc. Ao final do livro se oferece uma bibliografia na qual se pode aprofundar nestes e em outros aspectos.

Como é de se esperar de um sacerdote, parto de uma antropologia de matriz cristã, que reconhece o fim sobrenatural para o qual está chamado o homem, sua tendência para o bem e a dificuldade com que se depara na tarefa de reconhecê-lo e levá-lo a termo devido a sua natureza decaída. Aí se conjuga o auxílio da graça que Deus proporciona para fazê-lo avançar em direção à santidade, com a correspondência que se espera da criatura humana. A interação de ambas as realidades toma como ponto de partida as conhecidas afirmações de Santo Tomás de Aquino: “a graça pressupõe a natureza”⁸ e “a graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa”.⁹

Nestas páginas ofereceremos sugestões para conseguir que a natureza seja saudável, bem orientada, de modo que a graça ordinária de Deus atue como o fertilizante e a chuva que são absorvidos pela árvore e, dessa forma, cresce com vigor. Mas se a árvore está torta, é preciso outro tipo de intervenção para endireitá-la. Deus pode fazê-lo, imediatamente, da mesma maneira como pode sanar uma doença. Mas isto seria o caso de uma intervenção extraordinária, inclusive milagrosa, que não se Lhe pode exigir. Ele conta habitualmente com a decisão da pessoa em recorrer ao médico para recuperar a saúde.

O livro se divide em quatro partes. Na primeira, farei uma exposição geral sobre a personalidade e a afetividade, delimitando ambos os conceitos e oferecendo ideias para fomentar um desenvolvimento maduro. A segunda seção repassa as diferentes

8 SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 2, art. 2, ad 1.

9 *Ibidem*, I, q. 1, a. 8, ad 2.

etapas do ciclo vital, desde o nascimento até a morte, e tentará ilustrar como as aquisições e os déficits de cada fase têm repercussões no desenvolvimento posterior. A terceira parte se concentra em um aspecto concreto da afetividade, a dimensão sexual; ali serão expostas algumas ideias para sua adequada integração no bem global da pessoa e se prestará atenção às dificuldades que podem se encontrar hoje em dia para viver a castidade; no final desta seção, será abordada a vocação ao celibato e suas consequências do ponto de vista psicológico. A quarta e última seção lidará com algumas patologias psiquiátricas, mostrando estratégias para preveni-las e modos de acompanhar as pessoas que as sofrem. O livro conclui com um capítulo à guisa de epílogo, que responde ao interesse demonstrado por alguns dos que assistiram aos cursos, sobre as competências psicológicas necessárias em um formador.



Antes de continuar, queria agradecer às muitas pessoas que colaboraram na elaboração deste livro. Em primeiro lugar, a José Ignacio Peláez, aluno do primeiro dos cursos que ministrei; sem sua paciente insistência, eu não teria encontrado o estímulo para começar a escrever. Alfredo Ruiz de Gámiz revisou cada capítulo, dando interessantes sugestões baseadas em sua vasta experiência sacerdotal. Estou duplamente em dívida com a doutora Marisol Salcedo, psicóloga clínica, que participou em minha formação como psiquiatra já há vários lustros e que agora foi responsável por refrescar muitos conceitos esquecidos e corrigir as imprecisões que haviam passado no texto. Por último, os coautores do livro *Amar e ensinar a amar*¹⁰ reconhecerão aqui muitas de suas ideias: mons. José Maria Yanguas

10 F. J. INSA GÓMEZ (coord.), *Amar e ensinar a amar: A formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio*, Cultor de Livros, São Paulo 2019.

APRESENTAÇÃO

(aspectos teológicos da afetividade), Julio Diéguez (a formação nas virtudes humanas), Paul O'Callaghan (a dinâmica da gratificação diferida), Wenceslao Vial (psicopatologia), Carlos Chiclana (tratamento integral da conduta sexual descontrolada), Maurizio Faggioni (a amizade) e mons. Massimo Camisasca (a paternidade espiritual do celibatário); recomendo vivamente a leitura de seus textos para uma compreensão mais completa dos temas correspondentes.

Santa Maria, Mãe do Amor Formoso, rogai por nós!